



REVISTA VIA TEOLÓGICA

Volume 20 – Número 39 – Junho / 2019

A POLITIZAÇÃO DO REINO DE DEUS

Me. Evandro R. Rojahn

A POLITIZAÇÃO DO REINO DE DEUS

The Politicization of the Kingdom of God

*Me. Evandro R. Rojahn*¹

¹ Evandro R. Rojahn é licenciado em Artes Visuais, Letras e Filosofia. É bacharel em Teologia, pós-graduado em Teologia do Novo Testamento Aplicada e Mestre em Teologia com ênfase em Leitura e Ensino da Bíblia. Atualmente é professor, pesquisador e escritor nas áreas de Teologia Bíblica e Teologia Política. E-mail: teologiaevandro@gmail.com

RESUMO

A dificuldade em definir a terminologia “Reino de Deus” pode ter dado vazão a interpretações forçadas. A dificuldade hermenêutica de apresentar uma definição mais sólida do Reino de Deus permitiu que muitos filósofos/teólogos ativistas políticos e partidários ideológicos torcessem a verdade a seu bel prazer. Levando, portanto, o Reino de Deus a justificar ideologias políticas e sociais altamente destrutivas, como, por exemplo, o comunismo/socialismo. A irresponsabilidade hermenêutica força o texto a concordar com a ideologia e cosmovisão do intérprete. Evidentemente esse ato de irresponsabilidade traz consigo uma secularização do conceito. Cabe à teologia cristã retornar ao seu posto de Rainha das Ciências e tomar o seu lugar devido no cenário acadêmico da atualidade.

Palavras-chaves: Hermenêutica. Reino de Deus. Politização. Secularização.

ABSTRACT

The difficulty in defining the terminology “Kingdom of God” may have given rise to forced interpretations. The hermeneutic difficulty of presenting a more solid definition of the Kingdom of God allowed many philosophers / theologians political activists and ideological partisans to twist the truth at will. Taking, therefore, the Kingdom of God to justify highly destructive political and social ideologies, such as communism / socialism. Hermeneutical irresponsibility forces the text to agree with the interpreter’s ideology and worldview. Evidently this act of irresponsibility brings with it a secularization of the concept. It is up to the Christian theology to return to its position of Queen of Sciences and to take its place due in the academic scene of the present time.

Keywords: Hermeneutics. Kingdom of God. Politization. Secularization.

INTRODUÇÃO

Definir o conceito de Reino de Deus de forma adequada é tarefa altamente difícil.² Muitos tentaram ao longo da história e o resultado se mostrou insatisfatório. Diante de tal dificuldade, muitos teólogos e filósofos políticos se apropriaram da terminologia e lhe atribuíram significados politizados. Na ausência de fatos predominam as preferências. Assim, o Reino de Deus, uma terminologia bíblica, foi arrancado irresponsavelmente de seu contexto (imediato, próximo e geral) e usado para justificar os objetivos políticos do teólogo/filósofo.

Para não exceder o tamanho desejável do artigo, poucos autores serão apresentados. O propósito primordial aqui é somente apresentar algumas concepções do Reino de Deus, a fim de que o leitor entenda que, apesar de a neutralidade hermenêutica ser um mito, deve-se buscar uma exegese responsável, que valorize o contexto da passagem, para que não se incorra em generalizações e principalmente na politização da teologia. Não apenas o Reino de Deus, outros temas importantes da teologia também serviram aos interesses irresponsáveis de teólogos e filósofos que, no intuito de justificar sua ideologia, violaram miseravelmente o bom senso da hermenêutica.

Será apresentada a concepção de Reino de Deus em Tomás de Kempis. Será evidente o forte apelo moral ligado ao uso da terminologia do Reino de Deus. O Reino de Deus possui, sem dúvida, um âmbito moral, contudo não se pode, da mesma forma que Kant, relegar o Reino de Deus integralmente ao âmbito da moral. O Reino de Deus pode ser evidenciado por meio da moralidade cristã, contudo é mais que isso. Os autores escolhidos para embasar o uso político do Reino de Deus também são poucos. Mas devidamente válidos para o propósito deste artigo. A análise desses autores tornará patente o fato de que o objetivo

2 ROJAHN, Evandro Roque. *O Reino de Deus e a Missão da Igreja*. Curitiba: ADSantos, 2018, p. 74.

define o método, e tanto o método quanto o objetivo forçam o conceito de Reino e o empurram para a unilateralidade, tornando-o exclusivo e excludente. O problema mais grave dos “intérpretes” é a inversão da prioridade.

Uma boa hermenêutica é resultado da responsabilidade e do respeito do intérprete com o texto sagrado. Quando o “intérprete” primeiramente se posiciona política e ideologicamente, sua ideologia forçará a interpretação em busca de uma justificativa que não contrarie seus ideais e os fundamentos da sua ideologia. Um exemplo claro e familiar da irresponsabilidade do intérprete é a falaciosa teologia da libertação, segundo a qual, o “teólogo” se posiciona política e socialmente “a favor dos pobres” e, a partir desse “método”, reinterpreta todo o cristianismo. Esse equívoco grosseiro não é uma novidade, pois a mesma politização foi realizada por Thomas Hobbes e John Locke, porém a favor do liberalismo ao invés do comunismo/socialismo. O objetivo deste artigo é, além de elucidar as hermenêuticas irresponsáveis de partidários do socialismo e do comunismo, deixar evidente que tal comportamento por parte do intérprete pode ser altamente prejudicial, pois o resultado não é outro além de secularizar o cristianismo, tornando-o servo de ideologias políticas.

1. O REINO MORAL

Tomás de Kempis (1380-1471) era um monge e escritor alemão. Seu nome verdadeiro é Tomás de Hammerken, mas mudou o sobrenome para Kempis por conta de sua cidade natal, Kempen, na Prússia. Sua obra mais significativa é a Imitação de Cristo, que fora atribuída a outros ao longo da história. Este livro que, depois da Bíblia, foi o mais traduzido no mundo inteiro, já que é o mais famoso e o de maior influência de todos os escritos ascéticos e monásticos medievais.³

3 GONZÁLEZ, 2008, p. 393.

O Reino é assunto relevante da teologia em Tomás de Kempis. Na *Imitação de Cristo*, são usadas ambas as terminologias: Reino de Deus e Reino dos Céus. Parece que já era disseminada a concepção sinônima dessas terminologias. A sabedoria de Deus é mais elevada que a sabedoria dos filósofos, muito difundida nesse período, e não há sabedoria mais elevada que desprezar o mundo em caminhar em direção ao Reino dos Céus.⁴ Há uma crítica construtiva para aqueles que buscam riquezas e não se contentam com o que têm. Deus os priva das riquezas, pois, do contrário, fariam deste mundo a sua casa e desprezariam o Reino de Deus.⁵ Também em Kempis é possível encontrar uma visão subjetiva do Reino de Deus. Trata-se de uma interpretação inadequada de que o Reino de Deus é subjetivo e metafísico, pertencente ao interior do indivíduo e que se pode alcançá-lo por meio de introspecção e meditação.⁶ Em Kempis está claro também que os ímpios não pertencem à esfera do Reino de Deus.

A exortação de Kempis prossegue para o fato de que alguns desejam o Reino de Deus apenas superficialmente. Desejam seu conforto, mas não sua tribulação. Muitos retrocedem ante as tribulações.⁷ Kempis tem consciência do papel didático das tribulações, pois por meio delas é que se alcança o Reino de Deus (Atos 14.22).⁸ Em Kempis também há a concepção de que, antes de Cristo, o caminho do Reino era obscuro, mas agora fora revelado em Cristo o caminho para o Reino Eterno.⁹ Mesmo diante das adversidades, é importante não perder de vista esse caminho do Reino de Deus.¹⁰ Kempis exorta também quanto à busca de conhecimento inútil, conhecimentos que em nada po-

4 FÁRIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 399.

5 KEMPIS in: FÁRIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 422.

6 KEMPIS in: FÁRIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 433.

7 KEMPIS in: FÁRIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 445.

8 KEMPIS in: FÁRIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 450.

9 KEMPIS in: FÁRIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 474.

10 KEMPIS in: FÁRIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 488.

dem acrescentar algo à salvação em si. Lembra que o Reino de Deus não consiste em belas palavras.¹¹ Em Kempis também está presente a dualidade temporal do Reino de Deus; ele é eterno, uma herança futura,¹² mas agora, no presente, os santos que já morreram desfrutam deste Reino de Deus.¹³ O aspecto futuro do Reino é claro na seguinte afirmação: “Agora você quer desfrutar da liberdade gloriosa dos filhos de Deus; (...). Você quer ser cheio do Bem Soberano, mas não pode ainda o atingir. Sou esse Bem, diz o Senhor, até que o Reino de Deus venha”.¹⁴

A moralidade é própria daqueles que desejam o Reino de Deus.¹⁵ Os cristãos são orientados a não disputar o mérito dos santos, sobre qual deles é o maior, nem desprezar os santos vivos, pois isso significa desprezar o Cristo e o restante dos santos que já estão no Reino de Deus.¹⁶ Kempis parece falar metaforicamente de um tipo de hierarquia no Reino de Deus, mas exorta quanto à soberba de se sentir importante.¹⁷ Os pobres, segundo Kempis, não entram no Reino de forma automática, antes devem andar de acordo com a verdade.¹⁸ Kempis acredita estar contado entre os santos no Reino de Deus.¹⁹ Certamente isso é o que lhe habilita e impele a falar sobre o Reino. O Reino de Deus, segundo Kempis, é um Reino moral, presente e futuro. Um Reino eterno onde os santos já estão presentes, e que já pode ser desfrutado aqui e agora.

11 KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 500.

12 “Quando contemplarei a glória do teu Reino? Quando estarei contigo em teu Reino que preparaste para teus amados desde toda a eternidade?” KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 506.

13 KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 506.

14 KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 509.

15 “Lembra-te de mim, ó meu Deus, e guia-me pelo caminho reto ao teu Reino. Amém.” KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 522.

16 KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 523.

17 KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 524.

18 KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 525.

19 KEMPIS in: FARIA; CUSTÓDIO, 2015, p. 546.

2. O REINO POLITIZADO

Após Kempis, o Reino de Deus será retomado pelos reformadores Lutero e Calvino. Martinho Lutero (1483-1546) é reconhecido comumente como o fundador da Reforma Protestante no séc. XVI e do protestantismo em si. Seu pensamento teológico influenciou também o pensamento social, econômico e político da época.²⁰ Sua contribuição sobre o Reino de Deus não pode ser ignorada. Martinho Lutero acreditava que o fato de haver necessidade de petição pela vinda do Reino era uma evidência de que este, poderia não ter vindo e que isso deixaria o cristão em certa dificuldade. Primeiramente, Deus se privou do Reino para salvar a humanidade.

Nessa situação, Deus estava privado de seu Reino, mesmo sendo o criador de tudo, por causa da humanidade. Segundo essa concepção, a lógica era condenar os homens como adversários de Deus e espoliadores do Reino. Em segundo lugar, os homens salvos vivem como estranhos no mundo, humilhados, maltratados e entregues a todos os tipos de zombaria. Daí a necessidade da petição pelo Reino. Essa conclusão de Lutero é amenizada por um tipo de consolo para os filhos de Deus. De acordo com Lutero, aqueles que reconhecem seu estado e pedem pela vinda do Reino serão ouvidos por Deus, mas aqueles que não reconhecem seu estado de maldade, serão julgados severamente como inimigos do Reino de Deus.²¹

20 GONZÁLEZ, 2008, p. 432.

21 Cf. LUTERO, Martinho. **O Pai Nosso**. Traduzido do espanhol por Zaquero A. de Carvalho. São Paulo: Livraria Fittipaldi, 1965.

2.1 RITSCHL – O REINO INDIVIDUALISTA

No século XIX surge um pensamento distinto acerca do Reino de Deus e da teologia com Albrecht Ritschl (1822-1889).²² Ritschl, junto com Schleiermacher, foi um dos principais pensadores da teologia protestante no século XIX. Suas obras refletem uma reconceitualização da fé cristã à luz de um método historicista que aproxima a religião da filosofia, frente aos desafios éticos de sua época. As obras de Ritschl trazem uma novidade para sua época. Segundo Ritschl, a fé cristã estaria centrada na revelação de Deus em Jesus Cristo, cuja vida e pregação se concentram na vontade de Deus de estabelecer seu Reino. O Reino de Deus é, portanto, um tema central na teologia ritschliana.

Ritschl também contribuiu para o desenvolvimento do método de correlação na teologia, e enfatizou a centralidade do Reino de Deus para a teologia cristã incluindo no Reino as dimensões religiosas e éticas.²³ Ritschl, portanto, concebeu o Reino de Deus em termos éticos, imaginando-o como a organização da humanidade redimida, cujas ações são inspiradas pelo amor.²⁴ Isso deu origem a uma interpretação do Reino de Deus como individualista, espiritual e não mais escatológico, pois situa o Reino de Deus na experiência do coração da pessoa.²⁵ Para Ritschl, a pessoa é “cristã” quando procura estabelecer o Reino de Deus na terra de modo relevante, razoável e prático.²⁶ As obras de Ritschl também deram origem ao movimento do Evangelho social. Esse movimento deu ênfase ao Reino de Deus interpretado à luz da realidade social da época. O Evangelho Social defende uma ordem social baseada no amor e na solidariedade.

22 GONZÁLEZ, 2008, p. 557.

23 HAGGLUND, 2013, p. 298.

24 HAGGLUND, 2013, p. 298.

25 CARAGOUNIS, in: REID, 2012, p. 1065.

26 OLSON, 2001, p. 588.

2.2 RAUSCHENBUSCH – O REINO SOCIAL

Outro teólogo liberal influenciado pelo pensamento ritschliano é Walter Rauschenbusch (1861-1918).²⁷ É considerado o grande inspirador do movimento conhecido como Evangelho Social. Esse movimento buscou relacionar o conteúdo da fé pessoal com os desafios da justiça e a transformação social a partir do núcleo bíblico, teológico e ético do Reino de Deus. Em 1891, Rauschenbusch começou a produzir sua teologia a partir do Reino de Deus como noção central e abarcadora da fé pessoal e a transformação social. Dentre os quatro elementos que caracterizam o pensamento de Rauschenbusch, dois merecem destaque aqui; a influência da teologia liberal expressa em suas noções sobre Jesus e o Reino de Deus; uma compreensão da realidade socioeconômica de sua época a partir de noções marxistas.²⁸

Roger Olson reforça essa influência marxista no pensamento de Rauschenbusch. Segundo Olson, em Rauschenbusch, o cristianismo é reduzido a meras declarações religiosas simples e a um programa político e econômico socialista.²⁹ Olson ainda declara que a teologia liberal tem raízes em Hegel e Schleiermacher e que as teologias derivadas de Kant e Ritschl são “teologias políticas”.³⁰ Richard A. Horsley também aponta Rauschenbusch como um dos mais importantes representantes do Movimento do Evangelho Social que, segundo Horsley, acreditava que o Reino de Deus proclamado por Jesus podia perfeitamente inspirar uma transformação das instituições americanas.³¹

Bruce J. Malina também reconhece Rauschenbusch como uma figura importante ligada ao Movimento do Evangelho So-

27 GONZÁLEZ, 2008, p. 549.

28 GONZÁLEZ, 2008, p. 550.

29 OLSON, 2001, p. 592.

30 OLSON, 2001, p. 592.

31 HORSLEY, 2004, p. 8.

cial. Segundo Malina, Rauschenbusch era devotado a colocar em ordem as forças do cristianismo americano no serviço do evangelho social, com uma visão para melhorar o destino do pobre.³² O Reino de Deus em Rauschenbusch é reduzido a um projeto político socialista. Essa, dentre outras, é uma forma inadequada de interpretar o Reino de Deus, pois é reducionista e não corresponde à totalidade do Reino de Deus. Por mais que a palavra “Reino” descreva uma instituição política,³³ interpretá-lo por meio de uma ideologia será um erro em qualquer época.

2.3 TILlich – O REINO HISTÓRICO

O Reino de Deus na perspectiva de Paul Tillich (1886-1965)³⁴ é algo que se desenvolve na história. Para ele, o Reino de Deus possui tanto um aspecto intra-histórico como trans-histórico, isto é, um Reino de Deus na história e acima dela. Paul Johannes Tillich era teólogo e filósofo protestante. Era filho de um pastor luterano e durante a segunda guerra mundial serviu de capelão no exército alemão. Tillich pertenceu ao movimento socialista³⁵ cristão em Frankfurt e teve de fugir para os EUA³⁶ quando os nazistas chegaram ao poder em 1933. O objetivo de Tillich em sua teologia era construir uma ligação entre a fé, a revelação cristã e a cultura³⁷ moderna. Para isso desenvolveu um método próprio, o método de correlação ou “teologia da cultura”. Segundo esse método o conteúdo da revelação cristã³⁸ se apresenta como resposta às questões existenciais modernas. Segundo Tillich, a correlação entre o cristão e o moderno não

32 MALINA, 2004, p. 9.

33 MALINA, 2004, p. 11.

34 GONZÁLEZ, 2008, p. 616.

35 GRENZ; OLSON, 2013, p. 135.

36 MILLER; GRENZ, 2011, p. 69.

37 HAGGLUND, 2013, p. 321.

38 McGRATH, 2005, p. 495.

pode falsificar a revelação e nem as questões mais profundas da humanidade moderna. Por isso Tillich consta no rol dos teólogos existencialistas.³⁹

Empregando o método de correlação, Paul Tillich aplicou o sentido da história e o Reino de Deus à correlação de diversos temas.⁴⁰ O Reino de Deus, para Tillich, é indubitavelmente o estágio final de realização plena do ser humano. Isso significa que, semelhante a Barth, para Tillich o Reino de Deus é o propósito, o telos da humanidade. Tillich, provavelmente pelo apreço que nutria pelo socialismo, defendia que o ser humano somente se efetiva, isto é, se realiza plenamente como pessoa em comunidade. Mesmo quando há alguma peculiaridade, esta só será efetivada coletivamente. Para ele, os portadores da história são unicamente grupos e o indivíduo isolado só é portador da história indiretamente. Isso é claramente uma perspectiva ideológica coletivista.⁴¹ Tillich acredita que a esfera política é essencial para a realização do indivíduo⁴² como pessoa. Ele afirma que o elemento de centralidade que caracteriza a esfera política torna-a um símbolo adequado para o alvo último da história que, segundo Tillich, é o Reino de Deus. Diante dessas e outras posições de Tillich, torna-se inútil qualquer tentativa de livrar sua teologia do Reino de uma perspectiva altamente politizada. Para ele, o Reino de Deus em seu aspecto intra-histórico, se realiza politicamente.

Paul Tillich também defende a espacialidade do Reino de Deus. O Reino de Deus não pode ser entendido por meio de uma perspectiva espiritualizada. O Reino de Deus não é um lugar ao lado de outros lugares, mas um lugar acima de todos os lugares em sentido trans-histórico. O lugar onde Deus governa

39 SAYÃO, 2001, p. 40.

40 Razão e revelação, ser e Deus, existência humana e Cristo etc.

41 TILLICH, 2005, p. 746.

42 TILLICH, 2005, p. 749.

não é um lugar ao lado de outros lugares, mas um lugar acima de todos os lugares. Em certo trecho de sua Teologia Sistemática, Tillich cita possíveis respostas à pergunta pelo sentido da história. Tillich primeiramente emprega uma resposta “positiva” da ideologia progressista. Para Tillich, o progressismo é uma interpretação genuinamente histórica da história.⁴³ Mas a ideologia progressista já estava em colapso na época de Tillich. Outra ideia que nasceu da ideologia progressista é chamada por Tillich de utopismo. Segundo Tillich, o utopismo é um progressismo com um alvo definido. Isto parece ser um tipo do ideal comunista⁴⁴ utópico de Karl Marx.⁴⁵

Longe de apresentar o Reino de Deus como manifestação moral (Kant) ou religiosa (Schleiermacher), Tillich correlaciona o Reino de Deus como um evento político na história e acima dela. Por causa do aspecto duplo (intra-histórico e trans-histórico), Paul Tillich entende que o Reino de Deus é o símbolo mais importante e complexo do pensamento cristão, tanto para o absolutismo político quanto eclesiástico.⁴⁶ Para explicar melhor o conceito de Reino de Deus, Paul Tillich apresenta cinco características distintas. A primeira característica do Reino de Deus é política. Para justificar essa característica, Tillich cita o Antigo Testamento como expressão do governo de Deus. Deus não apenas governa todas as coisas, mas governará também no final dos tempos quando sujeitar todos os seus inimigos. O âmbito do governo divino implica um lugar de base. No Antigo Testamento esse lugar era o monte Sião, no futuro será o Novo Céu e a Nova Terra. O próprio termo “Rei” aplicado a Deus é usado para designar o mais elevado e consagrado centro de controle político.

A segunda característica do Reino de Deus é a conotação

43 TILLICH, 2005, p. 786.

44 REALE; ANTISERI, 1991, p. 202,203.

45 SPROUL, 2002, p. 142.

46 TILLICH, 2005, p. 790.

social. Para Tillich, o Reino de Deus inclui ideias de paz e justiça. O Reino de Deus seria, portanto, a realização utópica de um reino de paz e justiça. Porém, o fato de ser o Reino “de Deus” liberta o Reino de seu aspecto utópico, pois significa que há uma inviabilidade de realização terrestre, isto é, humana. Assim, apenas Deus poderia realizar esse ideal. Esse ideal de paz e justiça seria um imperativo moral. O Reino de Deus, segundo Tillich, também é personalista. Em contrapartida com filosofias que defendem o retorno do indivíduo e sua união como o “uno” na eternidade, o Reino de Deus confere ao indivíduo a realização de sua individualidade. Segundo Tillich, na eternidade cada ser se realizará individualmente.

O Reino de Deus também possui universalidade. Não seria um reino onde apenas a humanidade se realiza, antes a plenitude desse Reino abrange toda a vida. Segundo Tillich, é isso que Paulo quer dizer quando afirma que “Deus será tudo em todos”.⁴⁷ Quando Cristo entregar o governo da história ao Pai, a história terá cumprido sua meta e Deus será tudo em todos. Tillich também acredita que o Reino de Deus possui elementos de imanência e transcendência. Mas defende, contudo, que o Reino não possa ser criado unicamente pelo elemento intra-histórico, isto é, realizado por meios terrestres. Tillich partilha de uma perspectiva corrente no século XX, de que o Reino de Deus deverá ser estabelecido por meio de catástrofes naturais, guerras, enfermidades etc. Essas coisas precedem o estabelecimento do Reino onde Deus será o governante das nações. Isso não ocorrerá por desdobramentos históricos, mas Deus mesmo intervirá no final deste éon e estabelecerá o Novo Céu e Nova Terra.⁴⁸

Tillich também acredita que as igrejas sejam representações do Reino de Deus, embora, todas as religiões, na perspec-

47 1 Coríntios 15.23-28. In BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada - Harpa Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2017, p. 1135.

48 TILLICH, 2005, p. 794.

tiva de Tillich, estejam no mesmo nível. Tillich acredita que o Reino de Deus mudou a história ao entrar nela.⁴⁹ Tillich fala positivamente do socialismo, do socialismo religioso, e incorpora em sua teologia aquele espírito de “antifascista bonzinho” que ocorreu na Segunda Guerra Mundial, no qual os comunistas da antiga URSS se passaram por “bonzinhos” ao empregar alguns exércitos na batalha contra Hitler.⁵⁰ Tillich usa uma perspectiva política progressista para afirmar que o Reino de Deus se realiza na história alcançando “algumas vitórias”. Segundo Tillich, o Reino de Deus não está onde um governante trata seus governados como objetos, mas certamente está presente onde há democracia.⁵¹ Tillich aponta que os “aristocratas hierárquicos” de forma alguma são expressões da vontade de Deus. Na medida em que ocorre o equilíbrio entre a centralização e a libertação do poder, significa que o Reino de Deus estaria superando as ambiguidades da vida. A despeito disso, Tillich revela grande incoerência ao afirmar que as igrejas não têm função de controlar os poderes políticos em nome do Reino de Deus ao mesmo tempo em que afirma que o Reino de Deus se realiza por meio de “vitórias” de uma suposta democratização.⁵²

Para concluir a perspectiva de Tillich, o autor ainda afirma que uma vitória do Reino de Deus pode criar uma unidade de tradição e revolução em que se supera a injustiça do crescimento social e suas consequências destrutivas. Isso remonta ao pensamento progressista de que o cristianismo deve se opor de forma revolucionária às injustiças sociais, como se a função do cristianismo fosse apenas isso. Na teologia marxista, o Reino de Deus é apenas a necessidade fantasiosa de uma luta de classes. Parece que para os teólogos desta corrente os mais abastados não têm salvação. Tal perspectiva reduz o Reino de Deus em apenas um aspecto social.

49 TILLICH, 2005, p. 806.

50 COURTOIS, 2018, p. 35.

51 TILLICH, 2005, p. 815.

52 TILLICH, 2005, p. 815.

Mas o Reino de Deus é muito mais complexo que isso.

2.4 MOLTMANN – O REINO COMO ESPERANÇA

Jürgen Moltmann (1926-) ⁵³ é considerado o fundador da Teologia da Esperança. ⁵⁴ Considerando que na década de 1960 tanto a Europa como os Estados Unidos assistiram ao surgimento de uma explosão de otimismo em relação ao futuro da humanidade, ⁵⁵ a Teologia da Esperança surge como resposta a esses anseios. Essa teologia consiste basicamente em entender a esperança como cerne do cristianismo, ⁵⁶ sendo o “Reino da Glória ⁵⁷ de Deus” o alvo de tal esperança. ⁵⁸ Moltmann está correto ao entender o Reino de Deus como a esperança principal do cristianismo. Sobre o conceito de Reino de Deus, contudo, Moltmann se precipita e cria certa confusão. Primeiramente sua perspectiva sobre o Reino de Deus é unilateral, o Reino corresponde a uma esperança escatológica que se projeta no passado e no presente e molda o cristianismo. Sabe-se que uma percepção mais adequada do Reino de Deus permite a dualidade temporal, o Reino presente e futuro.

Todavia, o problema principal da perspectiva de Moltmann é sua análise do Reino de Deus na Trindade, a partir de Joaquim de Fiore. ⁵⁹ A partir da concepção linear de Reino em Fiore, Moltmann cria uma concepção de Reino de Deus distinguindo drasticamente as pessoas da trindade e atribuindo a cada uma delas um reino distinto por meio de saltos qualitativos. Parece que o Reino de Deus passa por um processo de instalação e se desen-

53 GONZÁLEZ, 2008, p. 476.

54 REALE; ANTISERI, 1991, p. 759.

55 McGRATH, 2005, p. 635.

56 GRENZ; OLSON, 2013, p. 205.

57 GIBELLINI, 2012, p. 290.

58 MILLER, 2011, p. 129.

59 MOLTMANN, 2011, p. 208.

volve à medida que um membro da trindade passa ao próximo membro a tarefa que lhe foi confiada.⁶⁰ Dessa forma, o reino⁶¹ do Pai consiste na criação de um mundo que se abre para o futuro, essa abertura para o futuro culmina no reino da glória.⁶² O Pai governa abrindo espaço para a liberdade das criaturas. O reino do Filho é um reino cristiforme. Consiste em libertação para a liberdade. Tal liberdade é mais sentida no reino do Espírito. Pela presença de “Deus em nós” o homem passa a ser amigo de Deus. O reino da glória é o estágio final no qual ocorre a consumação da criação do Pai.

Com relação à liberdade no Reino de Deus, Moltmann acredita que no reino do Pai, sendo Senhor das criaturas, o homem é propriedade de Deus. No reino do Pai o homem é tido como “servo de Deus”. No reino do filho o homem deixa de ser servo e passa a ser filho de Deus. Ocorre em cada “estágio do reino” uma transformação qualitativa (reino do Pai: servos; reino do Filho: filhos; reino do Espírito: amigo). No reino do Espírito o homem passa a ser amigo de Deus. Moltmann conclui que a liberdade dos servos, a liberdade dos filhos e a liberdade dos amigos de Deus refletem a história do Reino de Deus. Para Moltmann, esses saltos qualitativos são etapas de uma caminhada, são níveis no conceito de liberdade.⁶³ A liberdade plena é desfrutada apenas no “reino da glória”.⁶⁴ Essa perspectiva é inadequada, pois trata-se de uma concepção imposta que, mesmo citando alguns textos no intuito de abalizar sua doutrina, Moltmann decai na heresia do triteísmo,⁶⁵ visto que a Bíblia fala do Reino divino como sendo o “Reino de Deus” e, mesmo que a regência passe temporariamente por Jesus, este Reino continua sendo o Reino de Deus. Este Reino de Deus em passagem

60 MILLER, 2011, p. 139.

61 Reino empregado com inicial minúscula para evidenciar desacordo com a concepção de Moltmann

62 MOLTSMANN, 2011, p. 213.

63 MOLTSMANN, 2011, p. 222.

64 GRENZ; OLSON, 2013, p. 211.

65 GRENZ; OLSON, 2013, p. 211.

alguma da Escritura é apresentado como saltos qualitativos de liberdade.

Talvez a causa principal dessa concepção inadequada de Moltmann sobre o Reino de Deus tenha ocorrido pela politização do conceito. O Reino de Deus foi analisado por Moltmann tendo como base hermenêutica a ideologia marxista⁶⁶ de Ernest Bloch.⁶⁷ Moltmann conduz uma verdadeira difamação⁶⁸ do poder e da hierarquia, o que ele chama de monoteísmo político e monoteísmo clerical.⁶⁹ Moltmann nutria clara intenção política ao discorrer sobre a trindade e o Reino de Deus.⁷⁰ Talvez sua intenção fosse positiva, contudo, ao empregar uma hermenêutica politizada, acabou torcendo o conceito do Reino de Deus e sacrificando a verdade bíblica no altar da ideologia marxista. A antipatia social e política de Moltmann para com a hierarquia distorceu sua abordagem do Reino de Deus e decaiu em um tipo desequilibrado de triteísmo.⁷¹ Esse é o perigo de se interpretar a Bíblia por meio de ideologias viciadas⁷² que, no fim das contas, revelam um tipo de pensamento errôneo, uma falsificação da realidade.⁷³

66 Em Trindade e Reino de Deus, Moltmann emprega diversas vezes conceitos e linguagem típicos do marxismo. Ele critica a *monarquia* do Deus único (p. 202), afirma que ao Deus uno e trino não corresponde a monarquia de um dominador, mas sim a comunidade de homens sem privilégios e sem sujeições (p. 203). Critica também o poder e a posse (p. 204). Fala da socialidade das pessoas divinas (p. 204), do aspecto social dos homens (p. 204), supõe que sua proposta trinitária pode acabar com a antítese entre personalismo e socialismo (p. 205). Cita diretamente Karl Marx e o comunismo para defender sua concepção de reino da liberdade (pp. 211, 212). Fala do reino da liberdade empregando o fantasioso conceito marxista da luta de classes (pp. 217, 219). Critica o liberalismo burguês e a luta pelo poder e pela propriedade (p. 218). Fala em função social, sociedade burguesa e defende explicitamente o coletivismo em detrimento da liberdade e direitos individuais como caminho para a verdadeira liberdade (p. 220).

67 GIBELLINI, 2012, p. 288.

68 GRENZ; OLSON, 2013, p. 217.

69 MOLTMANN, 2011, p. 208.

70 GRENZ; OLSON, 2013, p. 207. GIBELLINI, 2012, p. 296.

71 GRENZ; OLSON, 2013, p. 219.

72 Esse mesmo vício ideológico de torcer os fatos para se adequarem à ideologia do pesquisador pode ser percebido em CAVALCANTI, Robinson. Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica. – Viçosa: Ultimato, 2002.

73 KOYZIS, 2014, p. 25.

3. O REINO IDEOLÓGICO

Além da diversidade de concepções históricas sobre o Reino de Deus, surge no cenário da atualidade a Teologia Negra, Latino-Americana (Teologia da Libertação) e Teologia Feminista. Cada uma com suas peculiaridades. A teologia da libertação surge das posições de Gustavo Gutiérrez propostas na conferência de Medellín no final da década de 60 e nos primeiros anos da década de 70. Embora seja comum entender as bases da teologia da libertação ligadas a Johannes Metz e Jürgen Moltmann, Metz é o precursor da teologia política e Moltmann é expoente da teologia da esperança. Essas duas teologias já foram analisadas anteriormente e possuem forte conotação política. A teologia da libertação arroga se posicionar “ao lado dos pobres”. Foi questionada e exposta por Joseph Ratzinger em 1984. Ratzinger aponta dois problemas cruciais na teologia da libertação; a) sua base ideológica marxista⁷⁴ e b) sua afirmação como igreja popular. Ratzinger acusa a teologia da libertação de aceitar acriticamente a ideologia marxista e de criar um tipo de igreja alternativa paralela à institucional. No Brasil, o expoente da teologia da libertação é Leonardo Boff. A força propulsora da teologia da libertação seria a falaciosa luta⁷⁵ em defesa dos marginalizados.⁷⁶

Arraigada na longa história dos negros na América do norte, principalmente nas atuações de Martin Luther King Jr. e do surgimento do movimento do poder negro, a teologia negra começa a ganhar forma entre 1966 e 1969. A Declaração sobre a teologia negra ou Declaração de Atlanta, promulgada em 13 de junho de 1969, articula a teologia negra em quatro pontos fundamentais; a) a teologia negra é produto da reflexão de cristãos negros e, portanto, afirma sua identidade. b) A teologia negra

74 MILLER, 2011, p. 171.

75 GIBELLINI, 2012, p. 354.

76 MILLER, 2011, p. 168.

é uma teologia da libertação negra em relação à opressão dos brancos. c) A teologia negra confronta-se com temas pertencentes à realidade da opressão negra. d) Assumir o risco à vida da comunidade negra ao afirmar sua humanidade, dignidade e personalidade negra. A tese principal da teologia negra é: “Deus é Negro”! Isso pode significar que Deus fez da condição dos negros sua própria condição. Em 1975, os teólogos negros reconheceram a necessidade de assumir a análise social como instrumento de elaboração teológica. Assim, a teologia negra passa a empregar também a base marxista em sua teologia.⁷⁷

A teologia feminista tem seus primórdios com Rosemary Ruether paralelamente à teologia negra e à teologia da libertação. Segundo Ruether, a força propulsora da teologia feminista é a experiência feminina da opressão por um sistema social machista e patriarcal.⁷⁸ Para justificar suas posições, Ruether emprega o método de correlação de Tillich e recorre, sobretudo, a religiões pagãs, movimentos periféricos e filosofias contemporâneas, principalmente o tratado de Simone de Beauvoir.⁷⁹ Da mesma forma, a própria teologia feminista passa a empregar os conceitos da ideologia marxista.

Ao submeter essas teologias (libertação, negra e feminista) ao conceito de Reino de Deus apresentado na Escritura é possível perceber o quão ideológicas são e o quão distantes estão do cristianismo autêntico. Essas três teologias são exclusivistas como qualquer ideologia moderna, são unilaterais, e não cristãs. Elas não se localizam no Reino de Deus e sim no reino das ideologias puras.⁸⁰ Seria realmente possível explicar ou mesmo corrigir o cristianismo empregando um método oriundo de uma ideologia totalitária e antirreligiosa como é o marxismo? A resposta é certamente um estridente “Não”!

77 GIBELLINI, 2012, p. 413.

78 MILLER, 2011, p. 185.

79 GIBELLINI, 2012, p. 416.

80 MILLER, 2011, p. 199.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O problema é que as ideologias leem toda a realidade por meio de uma só ideia central, negando a possibilidade de que qualquer conhecimento genuíno seja alcançado por meio de experiência, à parte dessa ideia.⁸¹ A universalidade do cristianismo⁸² é o principal obstáculo a essas três teologias ideológicas. O Reino de Deus é singular, isto é, um mesmo Reino composto por pobres, ricos, negros, brancos, homens e mulheres, todos governados pelo mesmo Deus. O verdadeiro teólogo nasce da Escritura⁸³ e não de ideologias totalitárias e assassinas.⁸⁴ Estudar o cristianismo por meio de ideologias é corrompê-lo miseravelmente.

As diversas concepções históricas sobre o Reino de Deus fornecem uma visão razoável, porém parcial, na perspectiva da teologia bíblica. O maior problema não é a parcialidade histórica da concepção do Reino de Deus; antes, é o perigo de uma perspectiva do conceito por meio do emprego de ideologias. O emprego de ideologias na interpretação da teologia cristã resulta em tendenciosidade política, pois tudo terá de ser reinterpretado à luz exclusivista da ideologia do teólogo, configurando maior subjetividade e tendenciosidade. A dialética – tão cara para o conhecimento – torna-se uma conversa de “comadres” onde não há contraposição de ideias, apenas citações de pensamentos concordantes a fim de justificar o ponto de vista do “pesquisador”. Isso se chama “politização”. É a teologia cristã e o Reino de Deus servindo aos interesses de ativistas políticos e ideólogos fanáticos,⁸⁵ para os quais o cristianismo não é um fim em si mesmo,

81 KOYSIS, 2014, p. 24.

82 A afirmação de Deus a Abraão de que nele “seriam benditas todas as famílias da terra” (Gn 12); a afirmação do amor universal de Deus pela humanidade declarado em João 3.16.

83 COMENIUS, 2013, XXIV, XI, p. 20.

84 KENGOR, 2019, p. 23.

85 WURMBRAND, 2013, p. 107.

antes um meio de justificar determinada ideologia.

O Reino de Deus não pode ser um tipo de massa maleável nas mãos do ativista político travestido de intérprete. Segundo Scott Hahn e Benjamin Wiker, a Escritura sofreu politização e deu origem ao tendencioso método histórico crítico.⁸⁶ A filosofia foi politizada. Os costumes foram politizados.⁸⁷ A ciência⁸⁸ e a educação⁸⁹ foram politizadas. Isso evidencia o quão viciados e desgastados estão os métodos de interpretação.

REFERÊNCIAS

BETHELL, Tom. **Manual politicamente incorreto da Ciência**. Tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo. Campinas: Vide, 2018.

BÍBLIA, Português. **Bíblia Sagrada - Harpa Sagrada**. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: SBB; Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa: Ultimato, 2002.

COMENIUS, Iohannis Amos. **Didática Magna**. Tradução da equipe editorial KKIEN. Milano: KKIEN, 2013.

COURTOIS, Stephane; [et al.]; com a colaboração de Rémi Kauffer [et al.]. **O Livro Negro do Comunismo: crimes, terror e repressão**. 11.ed. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.

86 HAHN; WIKER, 2018.

87 PONDÉ, 2012.

88 BETHELL, 2018.

89 Basta ler algumas obras de Paulo Freire para constatar a politização da educação.

FARIA, Daniel; CUSTÓDIO, Natália. **Clássicos da Literatura Cristã**: pais apostólicos; confissões; imitação de Cristo. Tradução de Almiro Pisetta e Antivan Guimarães. São Paulo: Mundo Cristão, 2015.

GIBELLINI, Rosino. **A Teologia do século XX**. 3.ed. Tradução de João Paixão Neto. São Paulo: Loyola, 2012.

GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário Ilustrado dos Intérpretes da Fé**. Tradução de Reginaldo Gomes de Araújo. São Paulo: Hagnos, 2008.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. **A Teologia do século 20 e os anos críticos do século 21**. Tradução de Suzana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

HÄGLUND, Bengt. **História da Teologia**. Tradução de Mário Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 8.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2013.

HAHN, Scott; WIKER, Benjamin. **Politização da Bíblia**: as raízes do método histórico-crítico e a secularização da Escritura (1300-1700). Tradução de Giovanna Louise. São Paulo: Ecclesiae, 2018.

HORSLEY, Richard A. **Jesus e o Império**: o Reino de Deus e a nova desordem mundial. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004.

KENGOR, Paul. **Manual politicamente incorreto do comunismo**. Tradução de William Campos da Cruz. Campinas: Vide, 2019.

KOYZIS, David T. **Visões e ilusões políticas**: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. Tradução de Lucas G. reire. São Paulo: Vida Nova, 2014.

LUTERO, Martinho. **O Pai Nosso**. Traduzido do espanhol por Zaquie A. de Carvalho. São Paulo: Livraria Fittipaldi, 1965.

MALINA, Bruce J. **O Evangelho Social de Jesus**: o Reino de Deus em perspectiva mediterrânea. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

McGRATH, Alister E. **Teologia sistemática, histórica e filosófica**: uma introdução a teologia cristã. Tradução de Marisa K. A. de Siqueira Lopes. São Paulo: Shedd, 2005.

MILLER, Ed L.; GRENZ, Stanley J. **Teologias contemporâneas**. Tradução de Antivan G. Mendes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a teologia. Tradução de Ivo Martinazzo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLSON, Roger E. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2001.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia politicamente incorreto da Filosofia**. São Paulo: Leya, 2012.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: do Romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, 1991.

REID, Daniel G. (Edit). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Tradução de Márcio L. Redondo e Fabiano Medeiros. São Paulo: Vida Nova, 2012.

ROJAHN, Evandro Roque. **O Reino de Deus e a Missão da Igreja**. Curitiba: ADSantos, 2018.

SAYÃO, Luiz Alberto Teixeira. **Cabeças feitas**: filosofia prática para cristãos. São Paulo: Hagnos, 2001.

SPROUL, R. C. **Filosofia para iniciantes**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002.

TILLICH, Paul. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

WURMBRAND, Richard. **Era Karl Marx um satanista?** Tradução de Márcio E. Blay e A. Parisi. São Paulo: Lux, 2013.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença
Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional